

Linguística popular e estudos discursivos: disputas de sentido em práticas emancipatórias

Folk Linguistics and discourse studies: struggle over meaning in emancipatory practices

Lívia Maria Falconi Pires¹

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo²

Resumo: A Linguística Popular, campo de estudos da linguagem já bem constituído no contexto estadunidense, a partir dos trabalhos de Niedzielski e Preston (2003), no francês a partir de Paveau (2008 e 2019), no Alemão dos trabalhos de Lídia Becker (2019) começa a produzir os seus primeiros resultados no Brasil, com os trabalhos de Baronas e Cox (2020); Baronas (2021); Baronas, Gonçalves e Santos (2021) e Baronas, Matos e Almeida (2021). Assim, no Brasil, Baronas e seu grupo entrelaçam a Linguística Popular com os estudos discursivos principalmente no que se refere aos estudos das práticas linguísticas. Essas práticas abarcam um conjunto de fenômenos linguísticos que são produzidos pelos sujeitos sobre a sua língua e a língua dos outros. Portanto, neste trabalho, analisamos práticas linguísticas emancipatórias que circulam no ambiente digital, mais especificamente no Instagram e no Twitter, com o objetivo de compreender como sujeitos não linguistas formulam hipóteses sobre o funcionamento semântico das palavras, contestam sentidos estabilizados e propõem deslocamentos lexicais vinculados a demandas ético-políticas. Defendemos que tais práticas não se limitam à denúncia de usos discriminatórios, mas constituem formas de

¹ Doutora e mestre em Linguística pela UFSCar. Pós-doutoranda da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSCar, bolsista Capes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0696-2844>. E-mail: livialinguistica@gmail.com.

² Doutora e mestre em Linguística pela UFSCar. Professora adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar. ORCID: . E-mail: ligiamenossi@ufscar.br.

intervenção popular sobre a língua, nas quais se articulam metalinguagem, militância e disputa de sentidos.

Palavras-chave: Militantes; Práticas emancipatórias; Linguística Popular; Discurso.

Abstract: *Folk Linguistics, a field of language studies already well established in the United States through the work of Niedzielski and Preston (2003), in France through the work of Paveau (2008; 2019), and in Germany through the work of Lídia Becker (2019), has begun to produce its first results in Brazil through the works of Baronas and Cox (2020), Baronas (2021), Baronas, Gonçalves and Santos (2021), and Baronas, Matos and Almeida (2021). Thus, in Brazil, Baronas and his research group articulate Folk Linguistics with discourse studies, especially with regard to the study of linguistic practices. These practices encompass a set of linguistic phenomena produced by subjects about their own language and the language of others. Therefore, in this article, we analyze emancipatory linguistic practices that circulate in the digital environment, more specifically on Instagram and Twitter, with the aim of understanding how non-linguist subjects formulate hypotheses about the semantic functioning of words, contest stabilized meanings, and propose lexical shifts linked to ethical-political demands. We argue that such practices are not limited to denouncing discriminatory uses, but constitute forms of popular intervention in language, in which metalanguage, militancy, and struggles over meaning are articulated.*

Keywords: *Activists; Emancipatory practices; Folk Linguistics; Discourse.*

Introdução

A atualidade é campo de emergência de resistências, é nesse lugar, o da resistência, que emerge o ativismo e suas discursividades. Assim como os anos de 1960 na Europa foram palco da multiplicação dos discursos com a evidência, por exemplo, dos novos movimentos sociais, entre eles o feminismo, ousamos aqui dizer que os anos 2000 veem se tornando palco da emergência do discurso ativista no Brasil, tanto que o ano de 2005 foi marcado pela imprensa como a “primavera feminista.”

Nesse contexto, é preciso assinalar, no campo da linguística, uma questão levantada pelo discurso do ativismo, os dizeres sobre a língua, ou seja, observações metalinguísticas principalmente as que tangem questões lexicais e semânticas. Essas discursividades se constituem, entre outras coisas, por discussões sobre os usos de termos e sobre as maneiras de falar, evidenciando questões linguísticas produzidas por não-linguistas, ou como denomina a Linguística Popular, por linguistas populares.

A Linguística Popular traz à baila uma quebra de paradigmas na dicotomia ciência e saber popular. A influência da avalanche tecnológica aproximou a comunicação em massa da população, conectada nos diversos aparelhos móveis de tecnologia, as informações desdobraram-se em nanosegundos pelo mundo, a mobilização do digital transformou as relações em sociedade, a articulação nas redes sociais digitais potencializou o crescimento do vínculo referencial dos sujeitos, e a viralização do senso comum nas redes sociais digitais revelam novas tendências da Linguística Popular que conclamam a emergência de uma visão acurada para práxis dessa nova ramificação profícua. Pontuado como:

[...] as Novas Tecnologias Digitais da Informação possibilitam a disseminação massiva dos saberes produzidos pela humanidade, tornando mais permeáveis as fronteiras entre ciência e senso comum. Essa nova ordem de comunicação contribui significativamente para a redução das barreiras que separam os saberes linguísticos científicos e os saberes populares. (Baronas; Cox, 2020, p. 11)

Com o objetivo de contribuir com os estudos em Linguística Popular e com o empreendimento deste campo de estudos no Brasil que o entrelaça fortemente com os estudos do discurso, desenvolvemos nosso trabalho tendo como temática práticas linguísticas nomeadas por Paveau (202) como emancipatórias. Assim sendo, tomamos suas proposições teóricas para este artigo, também embasamo-nos nas ideias empreendidas no Brasil (Baronas et al, 2021), em especial, temos como objetivo: entender como se dá a prática linguística emancipatória feita por não-linguistas militantes e, ao mesmo tempo, buscar compreender seu funcionamento discursiva já que, além de haver uma hipótese linguística levantada, há uma disputa de sentido e um movimento de resistência.

Partimos da hipótese de que determinadas práticas metalinguísticas produzidas por sujeitos não especialistas, quando vinculadas a demandas sociais e políticas, não se limitam à emissão de opiniões sobre a língua. Elas podem constituir verdadeiras práticas de intervenção sobre os sentidos, especialmente quando questionam definições estabilizadas, denunciam seus efeitos sociais e propõem deslocamentos lexicais ou semânticos. Nesse

sentido, as postagens analisadas neste artigo são compreendidas como práticas de Linguística Popular emancipatória, pois articulam saberes não acadêmicos sobre a língua, militância discursiva e disputa pública pela legitimidade de determinados sentidos.

Compreendemos que o campo de estudos da Linguística Popular encontra-se em fase de expansão e, principalmente, consolidação; desse modo, pensamos ser fundamental para análise e descrição linguística que esse campo se volte para repensar questões, propor reflexões e expansão da teoria quando se depara com corpus de análise digital como o que trouxemos para nosso trabalho que suscita diferentes questões.

Portanto, nosso corpus de trabalho se encontra em ambiente virtual, já que, é desse lugar que tiraremos exemplos do funcionamento das práticas de não-linguísticas. Usaremos enunciados postados em redes sociais, mais especificamente, reproduções de postagens do Instagram e Twitter das cantoras Anitta e Luísa Sonza. O corpus é composto por postagens e repercussões digitais envolvendo as cantoras Anitta e Luísa Sonza, nas quais se problematizam definições atribuídas a termos relacionados à mulher, em especial “patroa” e “mulher solteira”. A escolha desse material se justifica porque nele se observa uma reflexão explícita sobre o significado das palavras, bem como uma tentativa de deslocamento dos sentidos socialmente estabilizados. Trata-se, portanto, de um corpus particularmente produtivo para observar como sujeitos não linguistas formulam interpretações sobre a língua, contestam definições disponíveis em dispositivos de consulta pública e propõem outros modos de nomear e significar.

A Linguística Popular: um campo em formação no Brasil³

A Linguística Popular se inscreve em um ponto nevrálgico que define em face de um caráter legitimado, quem deve fazer ciência. Ademais, tensiona a estabilização cartesiana na delimitação dos campos científicos. Portanto, herdamos um paradigma de que um fenômeno ou objeto de pesquisa ganha

³ Este artigo retoma, em versão substancialmente reformulada e ampliada, discussões originalmente apresentadas em PIRES; ARAUJO. “Linguística Popular: questões sobre práticas emancipatórias”. *Revista da ABRALIN*, Vol.22, n2, 2023.

um caráter legítimo após atravessar um conjunto definido de procedimentos, ou seja, um método científico que conduz a uma dada resolução.

O saber popular de um lado e a ciência de outro é o que quer desconstruir a Linguística Popular ao propor que se considere práticas linguísticas dos não-linguistas. Diante das mudanças comunicacionais em que há predominância dos tecnodiscursos, que a abordagem discursiva deve considerar também aspectos como os produzidos pela máquina (os algoritmos, por exemplo) como determinantes dos sentidos produzidos pela linguagem, é preciso considerar também o que circula na Web. As relações se modificaram, as redes sociais potencializaram o contato, a troca, o crescimento do vínculo referencial dos sujeitos, assim como o senso comum tomou voz e lugar nesses espaços das redes, o que suscita um olhar distinto sobre essa produção de saberes sobre língua. Muitas vezes, quando nos deparamos com post em uma rede social que defende determinada ideia fica difícil saber se é algo produzido, baseado no senso comum ou é um saber linguístico científico. Por isso, Paveau (2018) propõe uma abordagem integrativa e anti-eliminativa desses discursos.

A língua, para a Linguística Popular, é claramente entendida como um bem comum e, por isso, os discursos sobre a língua também o são, Paveau (2021) afirma que todo mundo faz linguística em diferentes níveis, situações e momentos e somente alguns o fazem de maneira mais científica do que outros, são os chamados linguistas. Assim, os não-linguistas, ou seja, as pessoas que não têm diplomas em ciências da linguagem e não pertencem a uma comunidade científica praticam uma linguística denominada, no contexto francês, “popular”, cuja expressão Linguística Popular é uma tradução da expressão inglesa Folk Linguistics. Segundo Baronas (2021, p.1):

o traço que distingue a Linguística Popular/*Folk linguistics* de outras perspectivas teóricas que se debruçam sobre o objeto língua é justamente a possibilidade de compreender *como* e *porque* os discursos que dizem da língua afetam a própria língua, enquanto objeto de conhecimento. Quando nos referimos aos discursos que dizem de língua não estamos pensando somente nos discursos morais sobre a língua, os prescritivos, por exemplo, mas, sobretudo, a práticas descritivas, intervencionistas e militantes.

Essa perspectiva permite compreender a Linguística Popular não como um conjunto de formulações ingênuas, deficitárias ou meramente opinativas sobre a língua, mas como um campo de produção de saberes linguísticos situados. Tais saberes podem assumir diferentes formas: comentários sobre usos linguísticos, julgamentos normativos, explicações etimológicas, propostas de substituição lexical, denúncias de sentidos discriminatórios e intervenções sobre modos de nomeação. No caso das práticas analisadas neste artigo, interessa-nos especialmente a dimensão militante desses saberes, isto é, sua capacidade de articular reflexão sobre a língua e posicionamento ético-político.

1.1 Sobre as práticas emancipatórias e os linguistas populares militantes.

Quando tratamos de linguistas populares militantes, entendemos que se trata daqueles que além de promoverem uma reflexão sobre língua, se utilizam desse movimento para defenderem uma causa que lhe é importante. De modo geral, diríamos que empiricamente observamos que os não-linguistas militantes estão em defesa de algum grupo que sofre algum tipo de preconceito, exclusão e discriminação, o que para nós implica que tal categoria pode apresentar subcategorias e, também, algumas ramificações. Nas palavras de Paveau (202, p.9), os Militantes movem a Linguística Popular.

Para fins deste artigo, compreendemos o linguista popular militante como o sujeito não pertencente à comunidade científica dos estudos da linguagem que, ao se posicionar publicamente sobre determinado uso linguístico, produz uma reflexão metalinguística orientada por uma causa social ou política. Essa prática envolve, ao menos, quatro movimentos: a identificação de um problema linguístico-discursivo; a explicitação de seus efeitos sociais; a contestação de um sentido estabilizado; e a proposição, direta ou indireta, de outro modo de dizer. Desse modo, o linguista popular militante não apenas utiliza a língua como instrumento de reivindicação, mas toma a própria língua como objeto de disputa.

As práticas emancipatórias ou militantes estão, muitas vezes, imbricadas com as práticas intervencionistas, contudo, diferenciam-se porque dizem respeito a questões éticas sobre a língua. Assim, as práticas emancipatórias propõem que se observe um militantismo social ou político. De modo geral, há

sempre uma proposição, uma reflexão sobre quais palavras devem ser usadas e as questões do léxico são frequentemente trazidas para o centro do ativismo.

Embora as práticas emancipatórias possam se aproximar das práticas intervencionistas, elas se distinguem pelo modo como vinculam a intervenção linguística a uma demanda ética, social ou política. A prática intervencionista pode propor alterações, correções ou substituições nos usos da língua; já a prática emancipatória mobiliza tais intervenções como forma de enfrentamento a relações de dominação, exclusão ou desigualdade. No material analisado, a questão não é apenas substituir uma definição por outra, mas evidenciar que determinados sentidos lexicalizados participam da reprodução de imaginários patriarcais sobre a mulher.

As práticas emancipatórias ou militantes são aquelas apresentadas em nosso material de análise que implicam pensar que se trata de não-linguistas militantes conduzindo suas reflexões sobre a língua produzindo uma prática linguística emancipatória que sendo política e/ou social está baseada no discurso, por meio de palavras, visto que se encontram nos ativismos reflexões sobre quais termos usar para se referir a um determinado grupo, sobre maneiras de falar ou até a respeito das formas de debate. De acordo com Paveau (2020, p.38), “o dicionário ou o léxico é quase um elemento obrigatório de todo ativismo e o advento da Internet reforçou a prática lexicográfica”. O uso da linguagem inclusiva, por exemplo, vem ganhando ampla discussão na sociedade, especialmente por meio dos ativistas que explicam a importância do uso, a fim de respeitar as diferentes identidades de gênero, assim como para que o gênero que se refira a todas as pessoas não seja no gênero masculino.⁴

Linguística popular e discurso

A era digital, por meio dos aparelhos móveis de comunicação, destacou de forma mais latente uma epistemologia metalinguística e metadiscursiva com as manifestações languageiras na rede global de computadores. Sendo assim, é na internet, mais especificamente nas redes sociais como Instagram e Twitter, que a militância se constitui fortemente. O jogo simbólico da linguagem é

⁴ 1 Santos, Carvalho e Santos (2021) exploram melhor esta questão no artigo Da gramática normativa à linguística popular militante: um percurso da linguagem neutra.

utilizado para ressignificar por meio da “inversão ou da renegociação semântica e axiológica por recontextualização dos enunciados ofensivos [...] a partir de sua carga ofensiva, efetuada pelos sujeitos agredidos com efeito reparador”. (Paveau; Costa; Baronas, 2021, p.23). Assim sendo, podemos afirmar, na esteira de Paveau; Costa e Baronas 2021, que o militantismo social ou político é baseado em um discurso sobre as palavras.

A articulação entre Linguística Popular e estudos discursivos é produtiva porque permite observar que os dizeres populares sobre a língua não se restringem ao nível metalinguístico. Eles também participam de disputas interdiscursivas, nas quais diferentes formações discursivas procuram estabilizar ou deslocar sentidos. Assim, quando sujeitos militantes questionam determinada definição lexical, não se trata apenas de discutir a adequação semântica de uma palavra, mas de disputar os modos pelos quais determinados grupos sociais são nomeados, classificados e avaliados no espaço público.

Vários trabalhos recentes na Análise do Discurso mostraram a centralidade das práticas linguísticas profanas nos discursos que se desenvolveram nos debates em torno do casamento de pessoas do mesmo sexo (Husson, 2017) ou em discursos sobre intersexualidade (Marignier, 2016). Na maioria dos ativismos encontramos reflexões sobre quais palavras usar ou não usar, sobre as maneiras de falar ou sobre as formas do debate. (Paveau, 2020, p.38). Portanto, temos, juntamente com a luta por espaços de dizer, por tomada de palavra, um movimento sobre o que dizer, sobre quais termos usar ou não usar, sobre quais são as origens ou sentidos, ou seja, uma luta não só materializada na língua, mas com a materialidade linguística e seus aspectos e níveis linguísticos.

2.1-Linguistas populares militantes



Figura 1- Reprodução do Instagram da cantora Anitta e do Twitter da cantora Luísa Sonza



Figura 2- Reprodução do dicionário do Google

A análise que se segue parte de três dimensões articuladas: a dimensão metalinguística, relativa ao comentário explícito sobre o significado das palavras; a dimensão discursiva, referente à disputa de sentidos em torno da representação da mulher; e a dimensão tecnodiscursiva, relacionada ao papel das plataformas digitais e dos mecanismos de busca na circulação e legitimação desses sentidos. Essas três dimensões permitem compreender o material não apenas como manifestação de ativismo digital, mas como prática de Linguística Popular emancipatória.

É no cenário virtual, especialmente no entrelaçamento entre Instagram e Twitter, redes que compartilham conteúdos e pautam a mídia tradicional que se inscrevem as práticas emancipatórias produzidas por sujeitos militantes, particularmente na luta antimachista. Nos exemplos aqui selecionados, (Figuras 1, 2) não se trata apenas de um fazer linguageiro, mas de um verdadeiro fazer linguístico, há um questionamento explícito sobre o significado das palavras que incide diretamente sobre suas dimensões semântica e lexical

Em relação aos embates discursivos, ao problematizar os verbetes “patroa” e “mulher solteira” apresentados pelo Google, as enunciadoras Anitta e Luísa Sonza (Figura 1) evidenciam os significados que vinculam a mulher à posição conjugal ou à desqualificação moral demonstrando o funcionamento de um interdiscurso patriarcal que inscreve, na materialidade linguística, tradições sociais de controle feminino.

A prática metalinguística das enunciadoras se manifesta, nesse caso, pela identificação de uma inadequação entre a definição lexical apresentada e os sentidos socialmente reivindicados no contexto da luta antimachista. Ao contestarem a definição de “patroa” e de “mulher solteira”, as enunciadoras não apenas rejeitam uma formulação dicionarizada, mas evidenciam que o léxico não é neutro: ele condensa valores, hierarquias e memórias discursivas. A crítica ao verbete torna-se, assim, uma crítica ao modo como a mulher é historicamente significada por meio da relação conjugal, da moralidade sexual ou da subordinação ao masculino.

No entanto, na mesma esteira, a Figura 2 evidencia um outro deslocamento significativo, a proposição de uma hipótese semântica alternativa. Ao sugerirem uma nova definição para “patroa”, posteriormente incorporada pelo próprio dicionário do Google, as enunciadoras realizam um gesto que ultrapassa o campo discursivo, trata-se de uma intervenção efetiva no léxico, isto é, de uma prática de produção de um novo sentido para os termos o que se inscreve no campo da Linguística Popular como prática emancipatória ou militante. Assim, a disputa de sentidos se complexifica, não se limita ao embate entre um sentido dominante e sua contestação, (Figura 1) mas envolve a proposição de novos sentidos que passam a disputar legitimidade institucional. Há, portanto, a formulação de uma hipótese

semântica que, ao ser validada por um dispositivo de autoridade linguística desestabiliza o já-dito e propõe novas formas de dizer, (Figura 2) essas enunciadoras não apenas denunciam o machismo inscrito no discurso, mas atuam diretamente na reconfiguração dos sentidos, ou seja, no fazer linguístico, nas hipóteses, sendo linguistas populares militantes.

A hipótese linguística formulada nesse gesto pode ser descrita nos seguintes termos: se a definição socialmente disponível de “patroa” reproduz sentidos patriarcais ou insuficientes, é necessário produzir uma definição alternativa, capaz de inscrever a mulher em uma posição de autonomia, força e autoridade. Essa hipótese não é apresentada nos moldes da linguística científica, mas constitui uma forma de saber popular sobre a língua, pois interpreta o funcionamento semântico de um termo, avalia seus efeitos sociais e propõe sua reformulação.

É importante observar, contudo, que o Google não funciona aqui como um dicionário em sentido estrito, mas como um dispositivo tecnodiscursivo de autoridade linguística. Ao reunir, selecionar e exibir definições em posição de destaque, o mecanismo de busca participa da produção pública daquilo que aparece como sentido legítimo ou autorizado. Por isso, a alteração ou a visibilização de uma nova definição nesse espaço adquire relevância discursiva: ela indica que a disputa popular em torno da palavra pode alcançar instâncias de circulação que funcionam, para muitos usuários, como referência normativa ou semântica.

Desse modo, o que se observa não é apenas uma divergência em torno do significado de uma palavra, mas uma disputa pelo direito de definir. As práticas analisadas mostram que a definição lexical é também um espaço de conflito discursivo, pois nela se inscrevem modos de ver, classificar e valorar os sujeitos sociais. Ao reivindicarem outro sentido para “patroa”, as enunciadoras disputam não somente uma palavra, mas o lugar simbólico atribuído às mulheres nas relações sociais. É precisamente essa articulação entre comentário sobre a língua, intervenção semântica e reivindicação política que permite compreender tais práticas como emancipatórias.

Considerações finais

A análise desenvolvida permite afirmar que as práticas emancipatórias em Linguística Popular não se reduzem a manifestações espontâneas de opinião sobre a língua. Elas podem constituir formas de intervenção metalinguística e discursiva, nas quais sujeitos não especialistas identificam problemas de sentido, contestam definições socialmente estabilizadas e propõem novas formas de nomeação. No caso analisado, a disputa em torno de “patroa” evidencia que o léxico é um espaço privilegiado de embate político, sobretudo quando se trata de desnaturalizar sentidos atravessados por relações de gênero.

O campo da Linguística Popular segue se delineando no Brasil com profícuas possibilidades de construção, principalmente no que tange às formas de mobilização da língua pelo militantismo contemporâneo. A sucinta análise empreendida aqui permite exemplificar que o ativismo não se limita a um gesto de denúncia, mas se constitui como prática efetiva de intervenção nos processos de significação. Observa-se, assim, a passagem decisiva da crítica aos sentidos estabilizados à sua reformulação, o que implica compreender tais práticas como formas de incidência direta sobre a constituição do dizível. Mais do que ocupar o espaço da enunciação, os linguistas populares militantes operam deslocamentos no próprio regime de produção dos sentidos.

Na esteira de Baronas (2021), nesse quadro, ganha relevo o estatuto dos saberes populares, cuja legitimidade se afirma não apenas como prática reflexiva, mas como produção efetiva de conhecimento sobre a linguagem. Longe de configurarem um saber deficitário, tais práticas evidenciam uma competência metalinguística e metadiscursiva capaz de incidir, por exemplo, sobre o léxico, a semântica e os dispositivos de autoridade linguística.

Diante disso, impõe-se a reafirmação de uma postura anti-eliminativa, conforme proposta por Marie-Anne Paveau (2020), que não apenas reconheça, mas integre os saberes produzidos fora do espaço acadêmico. Tal posição implica deslocar a Linguística de um lugar de autoridade unilateral para um campo de interlocução, no qual os saberes populares não são objetos de correção, mas instâncias de produção teórica e política. Nesse sentido, a

articulação entre linguística científica e linguística popular revela-se não apenas desejável, mas epistemologicamente necessária.

A contribuição deste artigo consiste, portanto, em mostrar que as práticas populares emancipatórias podem produzir efeitos não apenas no plano da circulação discursiva, mas também no plano da legitimação dos sentidos. Quando uma reivindicação militante incide sobre definições lexicalizadas e alcança dispositivos de consulta pública, torna-se possível observar uma zona de contato entre saber popular, ativismo digital e autoridade linguística. Essa zona de contato é particularmente relevante para os estudos em Linguística Popular no Brasil, pois evidencia que os saberes não acadêmicos sobre a língua podem atuar como forças de deslocamento, contestação e produção de conhecimento linguístico.

Por fim, ao retomar a formulação de Marie-Anne Paveau de que “os militantes movem a Linguística Popular” (Paveau, 2020, p. 9), pode-se afirmar que o que está em jogo ultrapassa a reconfiguração pontual de sentidos lexicais. Trata-se de um deslocamento mais amplo, que incide sobre os modos de produção, circulação e legitimação do saber linguístico. Ao intervir na língua, os sujeitos militantes não apenas disputam sentidos, eles reordenam o próprio campo do dizível, tornando visível que a linguagem, longe de ser um sistema estável, constitui-se como um espaço dinâmico de conflito, poder e possibilidade de transformação.

Portanto, neste trabalho, analisamos práticas linguísticas emancipatórias que circulam no ambiente digital, mais especificamente no Instagram e no Twitter, com o objetivo de compreender como sujeitos não linguistas formulam hipóteses sobre o funcionamento semântico das palavras, contestam sentidos estabilizados e propõem deslocamentos lexicais vinculados a demandas ético-políticas. Defendemos que tais práticas não se limitam à denúncia de usos discriminatórios, mas constituem formas de intervenção popular sobre a língua, nas quais se articulam metalinguagem, militância e disputa de sentidos.

Referências

- ACHARD-BAYLE, G.; CURE, A. Trivial Pursuit. **Pratiques**, n. 139-140, déc. 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/practices/1178>. Acesso em: 17 ago. 2020.
- ACHARD-BAYLE, G.; PAVEAU, M. Linguística popular: a linguística “fora do templo”: definição, geografia e dimensões. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 4, 2019, p. 4257-4270.
- BARONAS, R. L. **Plano de Trabalho do GT de Linguística Popular da ANPOLL**. Londrina: [s. n.], 2021.
- BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: em vez do versus, propomos a integração. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 4, 2019, p. 4254-4256.
- BARONAS, R. L.; GONÇALVES, M. R. B. PIRES, L. M. F.; CONTI, T. Linguística popular: da contínua necessidade de integração e de precisão. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, 2021. DOI: 10.22481/el.v19i2.9942., p. 5-8.
- GONÇALVES, M. R. B.; BARONAS, R. L.; CONTI, T. **Linguística popular/Folk Linguistics: saberes linguísticos de meia tigela?** Campo Grande: Editora UFMS, 2020.
- GONÇALVES, M. R.; PRESTON, D.; BARONAS, R. L. Linguística Popular. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2023, p. 1-10. DOI: 10.25189/rabralin.v22i2.2185. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2185>. Acesso em: 26 set. 2024.
- NIEDZIELSKI, N. A.; PRESTON, D. R. **Folk Linguistics**. New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- OLIVEIRA, D. H.; PIRES, L. M. F. A (res)significação de estigmas na canção “Bixa preta”: os não linguistas e os embates discursivos. **Porto das Letras**, Tocantins, v. 2021, p. 184-196.

PAVEAU, M.-A. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. **Policromias**, Rio de Janeiro, 2018, p.21-45.

PAVEAU, M.-A. **Linguística folk**: uma introdução. Araraquara: Letraria, 2020, 152 p.

PAVEAU, M.-A. Novas proposições sobre a linguística popular: metadiscursos militantes e crianças-linguistas. Tradução de Roberto Leiser Baronas. In: BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. (Orgs.). **Linguística Popular/Folk Linguistics**: práticas, proposições e polêmicas. Campinas: Pontes, 2021.

PIRES, L. M. F.; ARAUJO, L. M. B. M. de. Linguística popular: questões sobre práticas emancipatórias. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2023. DOI: 10.25189/rabralin.v22i2.2120, p.113-127.

PIRES, L. M. F.; CARVALHO, L. P.; SANTOS, G. F. Práticas populares na mobilização linguística em tempos pandêmicos. In: SILVA, Mariana Morales da; CARVALHO, Lílian Pereira de; SANTOS, Júlio Antonio Bonatti (Orgs.). **Pandemia em (dis)curso**. Catu: Bordô-Grená, 2022. v. 1, p. 104-124.

PRESTON, D. Métodos em Linguística Popular aplicada: o que pensa o povo? **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 19, n. 2, 2021. DOI: 10.22481/el.v19i2.9942, p.9-42.

SANTOS, S. F.; CARVALHO, L. P.; SANTOS, G. F. Da gramática normativa à linguística popular militante: um percurso da linguagem neutra. **Porto das Letras**, Tocantins, v. 7, 2021, p. 141-159.

Recebido em: 16-05-2026

Aprovado em: 01-06-2026